



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**Bem Viver, Folkcomunicação e a Comunidade Alto José do Pinho: Retratos dos  
Novos Modos de Vida na Cidade de Recife/PE**<sup>1</sup>

Anne Gabriele Alves GUIMARÃES<sup>2</sup>  
Vanessa Barros Correia de Carvalho MACÊDO<sup>3</sup>  
Clarissa MARQUES<sup>4</sup>  
Universidade de Pernambuco, Arcoverde, PE  
Faculdade Damas, Recife, PE

**Resumo**

O presente artigo busca analisar a relação entre o Bem Viver enquanto alternativa ao desenvolvimento e as práticas cotidianas da comunidade Alto José do Pinho em Recife/PE a partir de uma abordagem qualitativa, com viés exploratório e descritivo. O estudo está fundamentado nos aportes fornecidos por Lander (2016), Ibáñez (2016), Acosta (2016) e Beltrão (2014). Ressalta-se que o contexto urbano, apesar de matriz colonial, pautada pelo consumo acelerado, também comporta novos modos de vida elencados como Bem Viver. A experiência da referida comunidade reflete o resgate de valores ancestrais, desmercantilizando as relações humanas e aproveitando o tempo livre. O Bem Viver, neste caso concreto, é sinônimo de descolonização e está intimamente ligado à Folkcomunicação, enaltecendo o sentimento de pertencimento construído a partir de estratégias populares.

**Palavras-chave:** Bem Viver; Alto José do Pinho; Alternativas ao desenvolvimento; Folkcomunicação; Capitalismo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 5 – Cultura, meio ambiente e ancestralidade da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Direito pela Universidade de Pernambuco (Arcoverde/PE). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre meio ambiente, diversidade e sociedade (GEPT/UPE/CNPq). E-mail: [annegabrielebj@hotmail.com](mailto:annegabrielebj@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Direito pela Faculdade Damas (Recife/PE). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre meio ambiente, diversidade e sociedade (GEPT/UPE/CNPq) e do Grupo Historiografias Decoloniais: direito, natureza e coletividades na América Latina (Faculdade Damas). E-mail: [vc15598@gmail.com](mailto:vc15598@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora da Universidade de Pernambuco (Arcoverde/PE) e da Faculdade Damas (Recife/PE). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre meio ambiente, diversidade e sociedade (GEPT/UPE/CNPq), Coordenadora do Coletivo Direitos em Movimento (UPE) e do Grupo de Pesquisa "Historiografias Decoloniais: direito, natureza e coletividades na América Latina" (Faculdade Damas). Integrante do NUFA/FACIPE. E-mail: [marquesc2504@gmail.com](mailto:marquesc2504@gmail.com)



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

## INTRODUÇÃO

A análise do Bem Viver enquanto oportunidade de construção coletiva de novas formas de vida está intimamente ligada às propostas de alternativas ao desenvolvimento concebidas no seio dos grupos tradicionalmente marginalizados. Neste sentido, o presente trabalho ressalta a necessidade de recuperar experiências e lições negadas pelo padrão civilizatório hegemônico.

Para tanto, destaca o caso da comunidade Alto José do Pinho, localizada em Recife (Pernambuco-Brasil), uma maneira de conhecer, pensar e existir que, apesar de estar inserida no contexto de aceleração consumista da capital, destoa dele ao reconhecer os *bons viveres*, baseados na aprendizagem coletiva e nas práticas cotidianas.

As alternativas ao desenvolvimento, evidenciadas pela referida comunidade, são multiformes e possuem sujeitos diversos, visando superar não apenas a relação capital-trabalho, mas também romper com as dimensões patriarcais e da destruição da natureza.

A conexão entre o Bem Viver e às experiências do Alto José do Pinho implica em desconstruir, reconfigurar e reabitar a cidade, neste caso, Recife, tomando como base outros modos de vida que nela coexistem. Tal proposta é estudada a fim de resgatar os lugares de convivência, os locais de encontro, escassos na cidade contemporânea/imperial/colonial.

As lições trazidas pelo Alto tornam possível a transformação de hábitos em tempo presente, alicerçada na confluência de experiências concretas advindas de estratégias populares, o que se relaciona à própria noção de Folkcomunicação como estudo de agentes e meios marginalizados.

Os planos de vida aptos a enfrentar a crise do padrão civilizatório hegemônico são pensados através de formas diferentes de produzir, distribuir e estabelecer relações sociais. Por isso, o Bem Viver convida a refletir sobre formas de sociabilidade e pertencimento não relacionadas à mercantilização, mas à emancipação e gestão conjunta. Diante da crise líquida moderna, o debate deve ser estendido para além da mudança do modelo estatal, alcançando também o horizonte civilizatório.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Nas alternativas ao desenvolvimento, o Estado não tem o papel central, tendo em vista que os *bons viveres* realizam-se principalmente nas relações interpessoais. Transitar para outros modos de vida, dentro do contexto urbano, ou seja, na e a partir da própria cidade, sem sair dela, significa driblar a armadilha desenvolvimentista expressada pelo capitalismo.

É dentro da comunidade analisada que os moradores se reinventam sob a ótica da diversidade e pluralidade. Assim sendo, criam a noção de redistribuição voltada à igualdade e harmonia.

Considerando a abordagem qualitativa e viés exploratório e descritivo, o presente trabalho busca desconstruir as lógicas do crescimento ilimitado tomando como referencial o conceito de Bem Viver como alternativa ao desenvolvimento. Em termos específicos, estuda-se o caso da comunidade recifense Alto José do Pinho para identificar novos modos de vida experimentados dentro da cidade e a partir da Folkcomunicação.

Infere-se, portanto, que é possível criar um horizonte de sentido diferente do hegemônico, menos acelerado e mais saudável, frente à civilização globalizada e em crise.

### **ALTO JOSÉ DO PINHO: DA FOLKCOMUNICAÇÃO À GESTÃO COLETIVA**

Não é comum encontrar nas grandes cidades o clima do Bem Viver. Geralmente os cidadãos, associados a consumidores, perdem os costumes dos seus antepassados, sendo as relações cada vez mais superficiais. O modo de vida acelerado imposto pelo capitalismo faz desaparecer os lugares de convivência, como mercados populares, feiras e espaços de diversão familiar. Em outras palavras, “apagam-se os locais de encontro, desabita-se a rua e se privatiza a reunião” (IBÁÑEZ, 2016, p. 312).

O descarte crescente e o consumo são as marcas da cidade contemporânea, caracterizada por carregar imaginário capitalista, desenvolvimentista e colonial. O urbano globalizado aprisiona o tempo livre (IBÁÑEZ, 2016). Isso ocorre, pois a cidade



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

é sistematizada de forma a priorizar o lucro constante para atender aos anseios financeiros.

Neste sentido, Ibáñez (2016, p. 310-311):

A noção de comunicação se desloca da ideia de espaço de compartilhamento para a aceleração do deslocamento de maneira a facilitar os consumos e o efêmero, que já não comunica, e sim consome. As ruas deixam de ser meios de comunicação, no sentido de locais de convivência pública. Recordemos que as calçadas eram um espaço de encontro, com os bancos nos portões das casas, ou as pedras colocadas para se sentar e ver as pessoas. Agora as ruas passam a ser vias de “comunicação”, na medida em que permitem acelerar o trânsito dos carros e pedestres. Não são mais um lugar para ficar, mas sim para passar de um lugar de consumo a outro. O mesmo acontece com o critério de praça, que, em seus modelos de construção, muda: de lugar de encontro, para dias de “campo de domingo”, de lugar para estar, converte-se em espaço de passagem ou então de eventos.

A mídia também tem uma relevante participação nesse processo, uma vez que atua como corpo docente da sociedade atual, reproduzindo diariamente a ideia de consumo exacerbado, mecanizando e manipulando as relações humanas.

O bairro Alto José do Pinho, em Recife/PE, por sua vez, caminha na contramão de tal matriz colonial. Seus moradores procuram aproveitar o tempo livre valorizando e respeitando as culturas dos antepassados através do maracatu rural e do jogo de futebol nas ruas, por exemplo. É neste cenário plural, localizado em meio ao caos da capital pernambucana, que reside Cannibal, 48 anos, vocalista da banda de *punk rock* Devotos.

Para ele, não tem hotel cinco estrelas que concretize o conforto que o lar, o bairro Alto José do Pinho, proporciona. Estar em casa é desfrutar do ambiente coletivo, da esquina, da praça, das calçadas. Por isso, o músico não troca o Alto, na Zona Norte do Recife, por nada.

A banda Devotos, com 25 anos de carreira, já tocou nos principais festivais nacionais e fez três turnês na Europa, sendo considerada uma das bandas mais importantes do cenário *punk rock* brasileiro. Mesmo com a vasta estrada, o lugar que nunca sai do imaginário urbano de Cannibal é o Alto José do Pinho.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

É deste sentimento de pertencimento que surgiu a rádio comunitária do local, com a participação ativa de Cannibal. O objetivo é fomentar o intercâmbio de informações, ideias e opiniões advindas dos públicos marginalizados (BELTRÃO, 2014). A noção de produção coletiva e compartilhada, inerente à experiência do Bem Viver, se faz presente no Alto e está intimamente relacionada à Folkcomunicação, tipo de comunicação em nível popular (BELTRÃO, 2014).

Na entrevista feita no Centro Social Dom João Costa, situado no próprio bairro, em 08/05/2018, o músico afirmou que a banda Devotos sofreu bastante no início, mas sempre havia uma pessoa disposta a ajudar, das “mães de família” até o dono do bar, em suas palavras. A comunidade via a luta e apoiava. Os shows sempre tinham viés social: a entrada era um quilo de alimento ou um agasalho.

É esta relação tão próxima entre os moradores, comum nos bairros suburbanos, que faz lembrar o modo de vida desacelerado do interior. Ainda na entrevista, Cannibal afirma: “se estamos com um problema de água, procuramos fazer uma reunião para solucionar junto à COMPESA<sup>5</sup>. A falta de água pode ser tanto na minha casa, quanto na casa do outro, não importa”. As relações sociais são construídas, portanto, com base na solidariedade diferentemente das relações encontradas no Grande Recife.

O bairro Alto José do Pinho conta também com o projeto Alto Sustentável, promovido pelo morador Hamon Denovan, 30 anos. O grupo trabalha com coleta seletiva e criação de jardins verticais com garrafas pets, conscientizando o público para a prática de *bons viveres* sustentáveis. Hamon, o idealizador do projeto, se inspirou nas ações sociais feitas pelo músico Cannibal.

As experiências populares do Alto, elaboradas através de estórias, costumes e conversas informais, vislumbram na música um “instrumento utilizado pelos grupos marginalizados na tentativa de fazer comunicação alternativa à mídia massiva” (FERREIRA; SOUSA; LIMA, 2017). A música de Cannibal, neste sentido, exerce a função de informar e criticar, legitimando ideias sobre o mundo e sobre si.

---

<sup>5</sup> Companhia Pernambucana de Saneamento.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

Para o cantor, um dos legados mais positivos que a banda deixou para a comunidade foi: faça você mesmo, faça do seu jeito e faça mudar! A Devotos não tinha como objetivo ser apenas uma banda de *rock*, mas, sobretudo, queria reivindicar através da música.

O estilo *punk rock* brasileiro demorou muito a ser aceito no Alto José do Pinho, porém, quando a comunidade entendeu o objetivo da banda, reconheceu-se principalmente o valor dos agentes culturais que, politicamente ativos, movimentam-se em extensas redes de comunicação, alterando os rumos das escolhas que influenciam a convivência (MERGULHÃO, 2017).

Os *bons viveres* acima mencionados tornaram tal comunidade mais conhecida nas páginas culturais do que policiais, conquista essa pautada na luta e na resistência. Segundo afirmou Cannibal, "antes a mídia não dava a devida audiência à banda e ao bairro. Os jornalistas nunca queriam fazer as entrevistas na comunidade".

Atualmente não só a mídia vai ao local como os próprios moradores sentem orgulho em falar das suas origens. Em outras palavras, esteticamente o Alto continua o mesmo, mas o imaginário das pessoas foi descolonizado. Agora elas querem fazer a sua história, acreditam em si e acreditam no lugar onde vivem, sentimento despertado graças à interação social promovida pelos grupos culturais locais, entre eles Cannibal e a banda Devotos.

### **BEM VIVER E O CONVITE A PENSAR OUTROS MUNDOS**

O padrão civilizatório ocidental passa por uma crise. Significa dizer que sua dinâmica baseada na mercantilização da vida desafia os limites do planeta. Segundo Lander (2016, p. 216), "se em pouco tempo não conseguirmos colocar freios a essa engrenagem de destruição sistemática, o que está em jogo com o colapso final do capitalismo é a sobrevivência da humanidade".

É com o propósito de apresentar alternativas ao desenvolvimento, este último caracterizado por proporcionar luxo a uns e espoliação de tantos outros de acordo com as lógicas do capital, que o Bem Viver se apresenta enquanto tarefa descolonizadora. É,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

sobretudo, um convite a repensar as maneiras de relacionamento entre os elementos humanos e extra-humanos, “de forma a favorecer uma vida que flua para todos e para todas” (IBÁÑEZ, 2016, p. 321).

A relação entre os homens e a natureza, portanto, é uma forma de minar o padrão desenvolvimentista, seguindo o exemplo dos povos indígenas, cujas culturas nascem com base na ancestralidade com os ciclos naturais. Da vida rural destes povos extraem-se as fontes para pensar o Bem Viver.

Acerca deste horizonte de sentido, afirma Acosta (2016, p. 73):

Forja-se nos princípios de interculturalidade. Vive nas práticas econômicas e solidárias. E, por estar imerso na busca e na construção de alternativas pelos setores populares e marginalizados, terá de se construir sobretudo a partir de baixo e a partir de dentro, com lógicas democráticas de enraizamento comunitário.

Afirma-se que o Bem Viver repensa as noções de pobreza e riqueza por meio de estratégias populares, sendo “um sentido que exige capacidade de construir, inventar, criar e permitir a germinação do existente, que reconfigura a dominação de outros horizontes. Não é possível sem diversidade e pluralidade” (IBÁÑEZ, 2016, p. 321).

O desafio apresentado, neste contexto, é a possibilidade de desenvolver experiências de *bons viveres* dentro do contexto urbano. Não se pode ressignificar a cidade a partir de bases coloniais. Isto seria manutenção das relações dominantes. A questão é ressignificar a cidade sem sair dela, de maneira conectada com o rural/indígena.

Na América Latina, algumas pessoas habitantes da cidade já começam a reproduzir maneiras de viver baseadas na origem indígena. A tentativa de romper com o hegemônico, as práticas populares na contramão do sistema capitalista imposto, as articulações sobre alternativas ao desenvolvimento. Este é o horizonte de sentido do Bem Viver.

Tal transformação civilizatória encontra espaço no tempo presente a partir de práticas cotidianas. Uma delas, elencada como estudo de caso da pesquisa, é o



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

sentimento de pertencimento existente na comunidade Alto José do Pinho, em Recife/PE.

O Bem Viver, seja no exemplo dado ou em outras experiências, demanda a construção de propostas. Neste sentido, Acosta (2016, p. 33):

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida.

Longe de um plano pronto e acabado, deve ser considerado parte de uma longa busca de alternativas de vida forjadas no calor das lutas populares, principalmente dos povos e nacionalidades indígenas (ACOSTA, 2016).

É um convite a discutir ideias surgidas de grupos tradicionalmente marginalizados, excluídos, explorados e até mesmo dizimados. O Bem Viver é sinônimo de resistência ao colonialismo e suas mazelas. Está bem distante de uma tradução livre associada ao viver melhor, pois este último pode levar ao acúmulo de bens, ao progresso material ilimitado.

Diante de um cenário multifacetado, marcado por uma crise civilizatória que põe em xeque os limites do planeta, nos interesses recuperar as lições dos saberes indígenas, mais ainda, torna-se urgente a reconfiguração dos imaginários urbanos para além da visão desenvolvimentista.

A cidade que reflete a crise do padrão civilizatório hegemônico é a mesma que tenta se desvincular da dinâmica destrutiva da mercantilização da vida. O Bem Viver, portanto, nasce nos contextos urbanos.

Nas lições e experiências associadas ao Bem Viver, é preciso estar atento à diversidade de elementos presentes nestas ações populares. Entre eles, o conhecimento, os códigos de conduta ética e espiritual em relação ao entorno, os valores humanos e a visão sobre o futuro (ACOSTA, 2016).

A desconstrução do espaço urbano a partir deste horizonte de sentido se dá, como primeiro exemplo, pela ocupação de territórios ou terrenos baldios frutos da





XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

especulação imobiliária. Surgem novos modos de vida, no centro da cidade, propondo novas convivências. Este é o exercício do direito à cidade. Não basta penetrar naquele espaço, mas transformar as relações.

As feiras, por sua vez, têm um caráter relacional e afetivo. Nelas, a lógica que prevalece é a da freguesia, a convivência com os que transitam por lá. Dentro de um mundo onde tudo é cercado por muros (da segregação), as feiras ocorrem ao ar livre.

Outra experiência baseada no Bem Viver vem dos bolsões da população boliviana. Em tempos de debates sobre transgênicos dentro da hegemonia capitalista, os bolivianos ainda mantêm a variabilidade de culturas como quinua, amaranto, peixes e frutas. Estes produtos são ofertados artesanalmente e em pequena escala. Não se tem monopólio nem consumo padronizado (IBÁÑEZ, 2016).

Os alimentos e bebidas artesanais respeitam o calendário agrícola, ou seja, representam um modo alternativo de se alimentar ligado aos ciclos da natureza. Neste sentido, existem também os sistemas de escambo, presentes na Venezuela, Bolívia e Brasil.

Outra forma de praticar o Bem Viver está no uso dado às praças. Ibáñez (2016, p. 330) assim discorre:

[...] As pessoas reocupam as praças com base em outros sentidos. Entram nos jardins e fazem piqueniques, convivem em família, comem, brincam, namoram, fazem grupos. Nas culturas indígenas, os objetos e as coisas não têm fins ornamentais em si: podem ser esteticamente bonitos, mas devem ter uma utilidade prática para ser verdadeiramente “lindos”. A beleza é uma espécie de conjunção entre sentido estético e sentido de utilidade. A praça é linda se permite conviver; o jardim é lindo se permite ser usado para essas convivências e relações.

Percebe-se que a cidade é o lugar de realização de processos plurais e descolonizadores. Por ser um ambiente vivo, atualmente se encontra em disputa por sentidos. Somente a inquietude é capaz de questionar o imaginário dominante. Por isso, não custa repetir: novas formas de vida, mais saudáveis e menos aceleradas, são possíveis dentro da urbe, mantendo conexão com os saberes indígenas e rurais. Novas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

formas de gestão social são necessárias desde que acessíveis a todos, assim como já acontece com as praças do Alto José do Pinho e seus autofalantes da rádio.

Sim, a forma como os povos originários tratam a natureza tem muito a ensinar. A sensibilidade para além da prosperidade material dá espaço para pensar o outro em harmonia com a Mãe Terra. Essa forma de (con)viver é resistência e já indica uma alternativa ao capitalismo.

A cidade não deve ser vestida de um pensamento único. Esse tipo de discurso não interessa à cidade diversa. Pelo contrário, serve à cidade colonial/patriarcal. Não queremos dizer que a economia capitalista será alterada abruptamente, porém ressignificações são feitas nas relações econômicas.

O Bem Viver orienta o tempo presente. As ações vêm acontecendo na conjuntura latino-americana tendo em vista o desgaste do planeta causado pela lógica mercantil. Diante da crise, alternativas surgem da criatividade da população. Por isso, trabalhar a cidade é tão complexo, porque ao lado do colonial, há o rural com sua visão de harmonia.

Os saberes indígenas/camponeses/rurais são descolonizadores, questionam noções de riqueza e pobreza, oferecem resposta em meio a tantas vidas sufocadas pelo capitalismo predatório. Entretanto, a tarefa do Bem Viver depende também de descolonização intelectual nos âmbitos político, social, econômico e, claro, cultural. Significa precipuamente romper com o capitalismo dominante e com os diversos socialismos reais (ACOSTA, 2016).

Justamente por se tratar de um horizonte de sentido, sem modelos prontos ou claros, intentou-se relacionar o Bem Viver a outras experimentações sociais, no âmbito da América Latina. O Alto José do Pinho, ao concretizar processos organizativos em bairros populares, não é a única, mas sim uma das múltiplas facetas em torno das alternativas ao desenvolvimento lastreadas na Folkcomunicação.



## XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta de relacionar o Bem Viver enquanto horizonte de sentido às práticas cotidianas da comunidade Alto José do Pinho em Recife/PE mostra que a cidade, apesar de possuir matriz colonial, abarca novos modos de vida, baseados nos saberes e filosofias dos povos tradicionais. Diante da crise civilizatória, é necessário observar a maneira como eles tratam a natureza e como se relacionam com os demais, levando em consideração a pluralidade e a igualdade.

Para o padrão ocidental, talvez pareça contraditório, mas as alternativas ao desenvolvimento nascem de lutas populares que pregam justamente a reconfiguração dos imaginários urbanos a partir do reconhecimento da diversidade cultural.

Entre as muitas experiências, especificamente as vividas pelo Alto José do Pinho, todas podem ser chamadas de Bem Viver. A denominação é objeto de inúmeras interpretações, porém algo é comum: os planos de vida formulados vêm das lições de sensibilidade dos grupos marginalizados. Para cada marca da cidade colonial, existe uma proposta de desacelerar o consumo, desmercantilizar as relações humanas e questionar o padrão capitalista ocidental.

Por ser forjado na luta em tempo presente, o Bem Viver está em processo de construção, buscando driblar a armadilha desenvolvimentista. Considerado aqui como um horizonte de sentido que desperta a criatividade, só se pode falar em novos modos de vida quando se permite que a educação intercultural oriente os caminhos.

Dentro do espaço urbano, existem experiências e lições responsáveis por manter as singularidades e o sentimento de pertencimento. Não significa que o capitalismo será alterado rapidamente, mas indica que há muitos projetos em construção procurando a ressignificação da cidade. Assim como no caso Alto José do Pinho, o que se busca é resgatar valores ancestrais e práticas ignoradas pelo consumo desenfreado. O Bem Viver, portanto, é descolonizar, recuperando os lugares de convivência e a noção de comunidade.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

**O ALTO JOSÉ DO PINHO EM IMAGENS**



Fonte: @altosustentavel



Fonte: @altosustentavel



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018



Fonte: @altosustentavel



O músico Cannibal

Fonte: Jornal do Comercio



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

---

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

FERREIRA, Eliana Maria Sousa; SOUSA, Lucas Casemiro de; LIMA, Maria Érica de Oliveira. A música como forma de comunicação de Grupos Marginalizados: um estudo da Folkcomunicação. **Anais da Conferência Brasileira de Folkcomunicação - Folkcom**, [S.l.], n. XVIII, abr. 2017. ISSN 2236-2924. Disponível em: <<http://anaisfolkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/30>>. Acesso em: 26 maio 2018.

IBÁÑEZ, Mario Rodriguez. Ressignificando a cidade colonial e extrativista. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge [Orgs.]. **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Editora Elefante, 2016. p. 297-333.

LANDER, Edgardo. Com o tempo contado: crise civilizatória, limites do planeta, ataques à democracia e povos em resistência. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge [Orgs.]. **Descolonizar o imaginário**: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. São Paulo: Editora Elefante, 2016. p. 215-253.

MERGULHÃO, Eliane. Folkcomunicação & sociedades periféricas: cultura, linguagem e comunicação dos excluídos. **Anais da Conferência Brasileira de Folkcomunicação - Folkcom**, [S.l.], n. XVIII, abr. 2017. ISSN 2236-2924. Disponível em: <<http://anaisfolkcom.redefolkcom.org/index.php/folkcom/article/view/20>>. Acesso em: 26 maio 2018.